



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8634 - Trabalho Completo - 3ª Reunião Científica da ANPEd-Norte (2021)

ISSN: 2595-7945

GT 04/GT 12 - Didática e Currículo

DEMARCAÇÃO DE TELAS - EMERGÊNCIAS E (RE)EXISTÊNCIAS DE INDÍGENAS TRANSGÊNERAS AMAZÔNIDAS

Alexandre Araripe Fernandes - UFT-PPPGE - UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS

Jose Damiao Trindade Rocha - FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS

DEMARCAÇÃO DE TELAS - EMERGÊNCIAS E (RE)EXISTÊNCIAS DE INDÍGENAS TRANSGÊNERAS AMAZÔNIDAS

RESUMO: Nossa narrativa transita desde as curvas sinuosas do Rio Javaé, região amazônica de floresta e cerrado, (trans)corre nos/dos espaços governamentais do poder público, até se deparar com o *ciberfenômeno* de/da **demarcação de telas**. A transegeneridade em comunidades indígenas. Tem seu início a partir do encontro de corpos estranhados na Ilha do Bananal, Tocantins. Mulheres indígenas transgêneras residindo em suas aldeias, desafiam com seus corpos modificados, os padrões colonialistas de trabalho em/de/da educação e saúde em/com suas comunidades. Em decorrência da pandemia de COVID-19 e com a proibição da entrada em terras indígenas, ocorre a (re)configuração metodológica da pesquisa de campo, para levantamento documental, mantendo a base epistemológica na Fenomenologia, com etnopesquisa implicada. Porém, o compromisso de obter as narrativas protagonistas e decoloniais destes sujeitos se manteve e, um outro fenômeno, numa dimensão bem maior do que o campo geográfico e populacional anterior, se apresenta: a demarcação de telas. A ocupação do ciberespaço por indígenas LGBTQIA+ de todo o Brasil. Encontramo-nos em Miskolci e Kozinets para as bases de pesquisas em espaços digitais, passando a ser netnográfica. A coleta de dados e informações a partir de *Lives*, plataformas digitais, webdocumentários, *sites* de notícias e redes sociais individuais e coletivas. A interseccionalidade viva reunindo etnia/raça/sexualidades/culturas/espacialidade, demonstrando a produção de conhecimento de toda uma coletividade como fenômeno sócio político contemporâneo.

Palavras-chave: etnia – transgeneridade – decolonialidade – internet - estranhamento

Introdução

Estar sozinho em localidade desconhecida, uma aldeia indígena no meio da Ilha do Bananal, causou desconforto e até sensações de incômodo. Não saber o que encontrar num próximo passo, acometeu de medos os sentidos e a razão. Certos de que nossa integridade física estava a salvo de qualquer agressão ou conflito, conseguimos pouco a pouco nos desarmar e permitir a ver, observar, encontrar, conviver, trocar... No momento, nos colocamos diante do “novo”, como observadores e aprendizes de contextos que naquele momento denominamos como *exóticos*.

Ao nos depararmos com corpos estranhos/estranhados de mulheres transgêneras Javaé, num meio geográfico cultural inimaginado, se evidenciaram nossas limitações de entendimento e conhecimento das relações sociais/sexuais daquela comunidade. O entrechoque diante da diferença desafiou nosso tecnicismo sempre pronto nas práticas profissionais, ficando evidente a distância entre a técnica teórica e a prática de promover um serviço público efetivo.

O ponto de maior incômodo, constatamos como sendo o nosso estranhamento, tão pura e simplesmente para descrever o momento que nos deparamos com as indígenas travestilizadas/transgenerificadas, e que desde então passa a ser parte importante de nossa investigação e sendo material intrinsecamente ligado ao objeto principal da pesquisa, o fenômeno da transgeneridade em indígenas amazônidas.

Nosso **objetivo geral** inicial foi observar e refletir com o fenômeno da transgeneridade por meio da existência de mulheres indígenas, autodenominadas de transgêneras em suas comunidades ou em sua própria interseccionalidade. Pressupondo a **hipótese** dual de que a/na cultura indígena tradicional (não) se aceitariam tais mulheres em seu meio e estas igualmente, (não) encontrariam os seus interesses e desejos alcançados nas aldeias. Consideramos tanto a hipótese afirmativa quanto a negativa, sendo esta última mais percebida numa visão colonialista, como se observou ao longo do trabalho.

Para a sua realização nossa base epistemológica se pauta na Fenomenologia, numa perspectiva da etnopesquisa implicada, tendo por base Garfinkel, que nos ensina que *los miembros de una sociedad tiene disponibles para su uso ciertos conocimientos que son del sentido común de esa sociedad, conocimientos sobre «cualquier cosa»* (2006:9).

No advento da Pandemia mundial de COVID-19 descortinamos um outro campo de/para a pesquisa. Amaparada a partir disso, na metodologia da netnografia conceituada por Kozinets (2014) que nos fornece os critérios para pesquisa online assim como, Miskolci (2009, 2013) que por décadas tem registrado o desenvolvimento da internet como espaço coletivo de produção de conhecimento. Ambos trazem a interdisciplinaridade mostrando-nos que em tal fenômeno inclui as relações de consumo, e da mesma forma, retrata o comportamento humano ao longo da História, fornecendo material para todas as Ciências sejam as Políticas, Sociais, Econômicas, Geográficas, Humanas, da Saúde e consequentemente para a Educação.

Para Rocha a importância da Fenomenologia como elemento de observação do que nos é imediato no nosso cotidiano é a possibilidade de *um movimento de investigação direta e de descrição de fenômenos que são experienciados conscientemente, tão livre quanto possível, de pressupostos e de preconceitos* (2019). Lembra-nos ainda que a pesquisa

fenomenológica é perspectival, podendo apresentar não apenas única vertente da verdade mas múltiplas ideias entrecruzadas e imbricadas e, inclusive com provisoriedade relativa da suposta verdade. *A fenomenologia é um termo formado por “fenômeno” e “logos”, podendo ser entendido como “o discurso do que se mostra como é” sendo assim o discurso concebido como “o falar inteligível sobre o que se mostra”* (ROCHA & MAIA, 2017).

Já em Estevão Fernandes (2015, 2016), nosso referencial teórico, o enquadramento, cujo levantamento documental histórico dos escritos dos colonizadores, fala que as sexualidades indígenas passaram a seguir a heteronorma eurocentrada, de base cristã, que regulou e “domesticou” a fluidez dos contatos sexuais encontrados à época da invasão européia, nas terras de Pindorama. Classificados desde o século XVI como “sodomitas” e “pederastas”, aqueles que tinham práticas denominadas como aberrativas, selvagens e anormais, foram punidos e exterminados de suas comunidades, devido ao “pecado nefando” de seus desejos e relações homodesejantes, fatos estes também já registrados por Mott (1998).

Ainda em seus estudos, o antropólogo encontra o movimento dos povos indígenas do norte das Américas, de nome *Two Spirit* (dois espíritos). *Two Spirit* traduz também, uma teoria que diz que pessoas classificadas como transgêneras ou homossexuais, teriam um poder a mais dos que possuem comportamentos heterossexuais, pois reúnem em seus corpos a presença do masculino e feminino, o dual que potencializa as características consideradas divinizadas. Tal movimento outrora igualmente apagado na História, ressurgiu como e na forma de um movimento político identitário de descolonização, resistência e resgate das tradições originárias destes povos.

Outro dado relevante, demonstrado na pesquisa de Fernandes em contraposição com o movimento *Two Spirit*, que os indígenas brasileiros afirmam nos dias atuais, que a homossexualidade e comportamentos sexuais dissidentes da heteronorma eurocentrada, são advindos do/com o contato do homem branco, não sendo mais identificados como em sua ancestralidade e, portanto, enquadrados como as tais anormalidades da época da colonização político religiosa.

Pelos caminhos da pesquisa

Nossos estudos caminham metodologicamente pelo levantamento documental. Amealhamos registros em dados primários tanto da prática profissional como servidor da saúde estadual no Tocantins: registros de visitas técnicas em aldeias; atas de reuniões integrando grupos de trabalho com a Fundação Nacional do Índio – FUNAI (Regional em Palmas), com presenças de lideranças indígenas locais em suas narrativas, como outros documentos normativos governamentais e narrativas obtidas em nosso contato cotidiano com os próprios indígenas. Estes seguem anexos como parte da dissertação final.

No levantamento bibliográfico trazemos estudos específicos de pesquisadores das culturas Karajá e Javaé, em estudos respectivos ao território por nós percorridos no encontro do/com o fenômeno da transgeneridade, na Aldeia Canoanã, Ilha do Bananal, como o do professor Ricardo Tewaxy Javaé (2019), de seu trabalho de mestrado sobre os nomes das curvas do Rio Javaé, juntamente com a pesquisadora antropóloga, Patricia Rodrigues (2008), que por décadas conviveu com esses povos, sendo referência acadêmica deste campo teórico.

Passamos pela fundamentação em gênero, sexualidade e estudos *Queer*, de autores que se aproximaram do objeto fenomênico, ao qual nos propomos a discutir. Dentre estes, além dos já citados anteriormente, nos fundamos em Bento (2010, 2017), Louro (1997, 2007, 2008), Scott (1995), Butler (2002, 2017), Miskolci (2009, 2011, 2017).

A partir do olhar de Bento (2017) sobre a historicização da (des)patologização da

transexualidade, juntamente e comparativamente ao mesmo período histórico acerca dos documentos norteadores para professores das redes de ensino, observamos que é a partir do campo da Saúde que a Educação, principalmente nas escolas, discute as sexualidades, sempre no viés biológico e medicalizante das relações dos sujeitos e tão somente na perspectiva heteronormativa. Corroborando essa observação, o Projeto Saúde e Prevenção nas Escolas (SPE) parte do Programas Saúde na Escola (PSE), implantados em parceria entre os Ministérios da Educação e da Saúde.

A pesquisa de campo se deu no ambiente virtual com acompanhamento da produção de conhecimento no período de abril a julho do corrente ano, em contexto de distanciamento social.

Dados coletados

Os espaços abrangeram: canais virtuais (3), plataformas digitais (6), redes sociais (2) nos perfis individuais e coletivos (3), *lives* nas plataformas digitais (8), webdocumentários (4) e *sites* de notícias e reportagens no recorte da transgeneridade entre indígenas.

As unidades de mensuração somam-se duração de tempo (em minutos e horas) e as narrativas/personagens indígenas.

| Unidades de mensuração | Quantitativo coletado |
|---|--------------------------------|
| Tempo de webdocumentário, <i>lives</i> | 10h e 25 minutos no total |
| Narrativas indígenas em redes, plataformas, <i>lives</i> . | 52 narrativas orais e escritas |

A pesquisa confirma nossa hipótese afirmativamente. Sim as indígenas trans permanecem em suas aldeias, tanto em residência fixa ou em trânsito de dupla residência ao sair para estudar.

Nosso objetivo é alcançado revelando dados e informações em maior abrangência do que o esperado, dado ao fenômeno sócio político observado através dos espaços em rede. A busca e a identificação dos pares para a reunião, mobilização, visibilidade e politização de suas identidades sexuais e de gênero, emergentes na população indígena como sempre (re)existiu, demonstrado em toda a história e em suas ancestralidades, revelam um levante decolonizante, dissidente e que rompe com a heteronormatividade ideológica branca eurocentrada, que em suas narrativas denunciam que a religião fez e faz um projeto de manutenção da subjugação colonizadora dos sujeitos e apagamento de toda uma cultura e modos de ser, impondo-se em continuidade às primeiras invasões de terras e de corpos.

Esse clamor nacional traz importante apelo na/para revisão dos postulados de todas as políticas em todas as áreas governamentais, não somente a Educação, mas principalmente esta. O estranhamento interno deveria ser o primeiro sinal que nos identifica como colonizadores em nossa rotina profissional, uma limitação castradora não só no processo de educar e formar, mas tristemente em nossas identidades profissionais.

Quanto às mulheres transgêneras Javaé, seguem vivendo com seus parceiros em sua comunidade, igualmente desconstruindo o preconceito de seus parentes e em contínuo desafio às práticas e concepções profissionais coloniais de/com os indígenas, algumas não se importando nem se o mundo branco as vê como/pelo feminino.

REFERÊNCIAS

- BENTO, B. **A Reinvenção do Corpo - Sexualidade e Gênero na Experiência Transexual**. 3ª ed. / Salvador, BA: Editora Devires, 2017.
- BENTO, B. **Máscaras Heterossexuais, Desejos Homossexuais**. Cadernos Pagu, nº 51. UNICAMP. Campinas, 2017
- BENTO, B. **Pouco saber para muito poder: a patologização do gênero**. In POCAHY, F (org.). Políticas de enfrentamento ao heterossexismo: corpo e prazer. NUANCES. Porto Alegre, 2010.
- BUTLER, J. **Cuerpos que importam: sobre os limites materiais e discursivos del “sexo”**. Barcelona: Paidós, 2002.
- BUTLER, J. **Corpos que Pesam: sobre os limites discursivos do sexo**. In O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade. LOURO, G. L. org. Autêntica. 2000.
- BUTLER, J. **Sujeição, Resistência, ressignificação. Entre Freud e Foucault**. In A Vida Psíquica do Poder: teorias da sujeição. Judith Butler. 1ª ed. Autêntica Editora. Belo Horizonte. 2017.
- FERNANDES, A. A. **Homoerotismo às Margens do Rio Javaé**. In: Actas del V Coloquio de Estudios de Varones y Masculinidades. 14-16 de janeiro 2015, Santiago do Chile ISBN: 978-956-9663-00-0 Registro Propiedad Intelectual (Chile): 251842 Disponível em: <<http://www.coloquiomasculinidades.cl/ponencias-para-descargar/>>. Acesso em: 24/03/2020.
- FERNANDES, E. R. **Decolonizando sexualidades: Enquadramentos coloniais e homossexualidade indígena no Brasil e nos Estados Unidos**. 2015, 383 fls. Tese apresentada no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – Estudos Comparados sobre as Américas do Centro de Pesquisa e Pós-Graduação sobre as Américas (Ceppac) da Universidade de Brasília.
- FERNANDES, E. R. **Homossexualidade Indígena e Decolonialidade: algumas reflexões a partir da crítica *two spirit***. Tabula Rasa. Bogotá - Colombia, nº 20:135-157, enero-junio 2014. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/238783965/Fernandes-Estevao-Tabula-Rasa-pdf>> . Acesso em: 24/03/2020.
- KOZINETS, R. V. **Netnografia [recurso eletrônico]: realizando pesquisa etnográfica online**. Porto Alegre : Penso, 2014.
- LOURO, G. L. (org.). **O CORPO EDUCADO. Pedagogias da sexualidade**. Traduções: Tomaz Tadeu da Silva, 2ª. Edição. Autêntica, Belo Horizonte, 2000.
- LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ, Vozes, 1997. p. 14-36
- LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas**. Educação em Revista. Belo Horizonte. n. 46. p. 201-218. dez. 2007.
- LOURO, G. L. **Gênero e Sexualidade: pedagogias contemporâneas**. Pró-Posições, vol. 19, mai-ago 2008.
- MACEDO, R. S. **A Etnopesquisa Implicada - Pertencimento, criação de saberes e afirmação**. Editora Liber, 2012.

- MISKOLCI, R. **A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização.** Sociologias, Porto Alegre, ano 11, nº 21, jan./jun. 2009, p. 150-182
- MISKOLCI, R. ÁVILA, S. GROSSI, M. **Transmasculinidades E Mídias Digitais: questões metodológicas.** Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017.
- MISKOLCI, R. **Novas conexões: notas teórico-metodológicas para pesquisas sobre o uso de mídias digitais.** Cronos: R. Pós-Graduação em Ciências Sociais. UFRN, Natal, v. 12, n.2, p. 09-22, jul./dez. 2011.
- RODRIGUES, P. **A caminhada de *Tanyxiwè*: Uma teoria Javaé da História.** 2008. fls. Tese apresentada ao Departamento de Antropologia da Divisão de Ciências Sociais para obtenção do título de Doutor em Filosofia (PhD), Universidade de Chicago, Illinois.
- TEWAXY JAVAÉ, R. **Nas águas do rio Javaés. Histórias, cosmologia e meio ambiente.** 2019. 146 fls. Área de Concentração: Natureza, Cultura e Sociedade. Dissertação de mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais, da Universidade Federal do Tocantins.